

Em busca da subjetividade ética: aportes teóricos da filosofia de Michel Foucault aos feminismos contemporâneos

In search of ethical subjectivity: theoretical contributions of Michel Foucault's philosophy to contemporary feminisms

Margareth Rago

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil
ragomargareth@gmail.com

Resumo: Destaco a contribuição de Foucault aos feminismos contemporâneos, ao trazer operadores conceituais necessários para se refletir sobre os questionamentos e as práticas feministas que, especialmente nas últimas cinco décadas, evidenciam a feminização da cultura e a luta pela construção de políticas feministas da subjetividade, fortemente ameaçadas de captura pela governamentalidade neoliberal.

Palavras-chave: Foucault; feminismos; governamentalidade; políticas de subjetividade.

Abstract: I highlight Foucault's contribution to contemporary feminisms by bringing forth conceptual tools necessary to reflect on the questions and feminist practices that, especially in the last five decades, highlight the feminization of culture and the struggle for the construction of feminist policies of subjectivity, which are strongly threatened by being captured by neoliberal governmentality.

Keywords: Foucault, feminism, governmentality, policies of subjectivity

Fecha de recepción: 31/07/2025. Fecha de aceptación: 28/11/2025.

Apresentado no Simpósio Nacional 40 anos de A hermenéutica do sujeito, de Michel Foucault, de 20 a 24 de Junho de 2022. O Simpósio foi organizado por Tereza C Calomeni, professora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Margareth Rago (brasileira) é Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Professora Titular (aposentada) do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Livre-Docente desde 2000. Atua como colaboradora do Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP. Foi professora-visitante na Columbia University, em Nova Iorque (EUA), 2010-2011, e no Connecticut College (EUA), 1995/1996; foi diretora do Arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP em 2000. Coordena a coleção Entregêneros da Editora Intermeios. Publicou vários livros e artigos.

1. Introdução: da prática à teoria

No mesmo momento em que a «explosão feminista», desde meados da década de 1960, punha em xeque um modelo de feminilidade profundamente limitado e nocivo – a figura da mulher «rainha do lar», mãe higiênica e assexuada –, Foucault lançava críticas contundentes à filosofia tradicional, questionando representações binárias, misóginas e racistas. Ao mesmo tempo, abria outras possibilidades de pensar a constituição da subjetividade e de criar modos diferenciados de existência, pautados pela ética, pela amizade, pela liberdade e pela justiça social. Se as mulheres passavam a olhar para o corpo desconhecido, descobrindo a própria sexualidade, além de constatar sua imensa capacidade de atuação na esfera pública e de criação na vida social e cultural, se subvertiam as imposições identitárias e encontravam outros modos de ser, Foucault trazia ferramentas conceituais e problematizações decisivas que permitiam dar visibilidade a essas práticas e elaborá-las teoricamente. Tecnologias do poder, de um lado, práticas de si e conquista da autonomia, de outro, constituem eixos privilegiados de suas análises. E tanto Foucault quanto os feminismos se declaravam, então, em busca de «políticas de nós mesmos/as», como lembra Amy Allen, em *The politics of ourselves*.¹

Questionando radicalmente a noção de natureza humana, Foucault problematizava a constituição do sujeito por tecnologias do poder, do saber-poder, e enfatizava a necessidade e as dificuldades de se constituir outras subjetividades, num momento de profundas mudanças políticas, sociais e culturais. Na entrevista a M. Dillon, intitulada *Foucault étudie la raison d'Etat*, de 1980, ele afirmava: «Somos prisioneiros de certas concepções de nós mesmos e de nossa conduta. Devemos mudar nossa subjetividade, nossa relação conosco mesmos»². Já na aula de 17 fevereiro de 1982, publicada em *A hermenêutica do sujeito*, alertava para as dificuldades de

se constituir hoje uma ética do eu, quando talvez seja esta uma tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável, se for verdade que, afinal, não há outro ponto, primeiro e último de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo³.

Ao propor uma genealogia do sujeito moderno e da hermenêutica de si, nesse curso oferecido no Collège de France, entre janeiro e março de 1982, Foucault criticava uma relação consigo mesmo referenciada pelo exame cristão, que visa a descobrir o que está escondido no fundo de si mesmo e estabelece a confissão como modo dominante de subjetivação. Para o filósofo, ao estabelecer esse tipo

1 ALLEN, Amy. «The Politics of Our Selves: power, autonomy and gender». In *Contemporary Critical Theory*. Columbia University Press, New York, 2008.

2 FOUCAULT, Michel. «Foucault étudie la raison d'Etat» (1980). In *Dits et Ecrits II, 1976-1988*. Gallimard, Paris, 2001, 856-857.

3 FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. Trad. de Salma Tannus Muchail e Márcio Alves da Fonseca. Martins Fontes, São Paulo, 2004, 306.

de relação consigo mesmo, objetivando-se em um discurso verdadeiro, o sujeito renuncia a si mesmo, ao contrário do que ocorria na ascese pagã, em que não se tratava de negar-se, mas de elaborar-se como indivíduo temperante a partir das artes do viver disponíveis, tornando-se capaz de governar a si mesmo e, portanto, a cidade.

Assim, desnaturalizando o sujeito, Foucault criticava o essencialismo e a noção de identidade, contrapondo ao cristianismo a cultura greco-romana do «cuidado de si», como experiência ética constituída por meio de práticas da liberdade. Nessa direção, comentando a analítica foucaultiana do cristianismo, Akos Cseke observa:

Precisamente porque o cristianismo é «uma história que ainda não terminou» é que Foucault buscou encontrar nele a «origem da hermenêutica do sujeito», origem que ele observou principalmente nos escritos dos primeiros Pais da Igreja⁴.

Vale notar que, nesse mesmo momento, surgiam os estudos feministas que historicizam a identidade feminina, denunciando sua construção a partir de rígidas imposições normativas às mulheres. Na França, Elizabeth Badinter publicava *L'amour en plus: histoire de l'amour maternel (XVII-XXe siècles)*, em 1980, traduzido no Brasil, em 1985, como *Um amor conquistado. O mito do amor materno* – aliás, ano da publicação de *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*, desta autora – trazendo a pesquisa da construção da identidade feminina pelo discurso médico e jurídico, ao longo do século XIX, como «rainha do lar», acompanhada do «reizinho da família». Em 1983, Yvonne Knibiehler et Catherine Fouquet lançavam um brilhante estudo histórico sobre as diferentes interpretações médicas do corpo feminino, intitulado *La femme et les médecins*, infelizmente ainda não traduzido no Brasil. Se Foucault trazia novos operadores conceituais para analisar as diferentes manifestações do poder molecular, dos modos de sujeição e de subjetivação no mundo capitalista, as feministas lançavam seus questionamentos e suas reivindicações, subvertendo modos de pensar misóginos, sexistas e racistas. De um lado e de outro, a crítica da lógica da identidade marcada pelo binarismo, pela misoginia e pelo racismo se reforçava com o aporte dessas diferentes frentes de luta política.

Destaco, a seguir, três pontos das problematizações de Foucault apresentadas no curso de 1982, reunido em *A hermenêutica do sujeito*, naquilo que, a meu ver, trazem aportes teóricos fundamentais para as reflexões e críticas lançadas pelos feminismos contemporâneos: 1. a crítica da identidade e a genealogia da hermenêutica do sujeito; 2. a coragem da verdade das mulheres; 3. o cuidado de si e a subjetividade ética.

⁴ CSEKE, Akos. «Foucault lecteur de saint Augustin». In *Materiali Foucaultiani*, vol. VII, n. 13-14 (2018), 254.

2. A crítica da identidade e a genealogia da hermenêutica do sujeito

Considerando-se esse primeiro ponto, vale notar que ao construir uma genealogia da hermenêutica do sujeito como modo de subjetivação hegemônico, Foucault questiona a ideia essencialista de natureza humana que nos faria iguais em todos os sentidos – desde o nascimento até a morte – e demarca a ruptura que o cristianismo instaura em relação aos antigos gregos, logo chamados negativamente de «pagãos». Em *As confissões da carne*, publicado e traduzido mais recentemente, Foucault destaca a cisão que se produz no interior do indivíduo desde os inícios do cristianismo, já no capítulo inicial, intitulado «A formação de uma nova experiência». Em suas palavras:

sobretudo, a cisão que, dividindo todo o sujeito, o faz querer o que ele não quer. (...) Mas em lugar de tornar-se plenamente seu mestre (...) sofreu uma dura e miserável servidão sob as ordens daquele a quem havia obedecido ao pecar (...) De bom grado, morreu em seu espírito: morrerá, a despeito de si mesmo, em seu corpo⁵.

Em um outro momento de sua leitura crítica da «experiência da carne» no cristianismo, o filósofo remete novamente à cisão subjetiva que as narrativas dos primeiros Padres cristãos instauram no indivíduo. Segundo ele:

O homem decaído não tombou sob uma lei ou uma força que o subjuguem inteiramente; uma cisão marca sua própria vontade que se divide, se volta contra si, e escapa àquilo que ela mesma pode querer. Eis o princípio fundamental em Agostinho da *inobedientia reciproca*, da desobediência devolvida. A revolta no homem reproduz a revolta contra Deus⁶.

Criticando a ideia de que nascemos com o «diabo no corpo», a partir do pecado original – inventado por Tertuliano e Agostinho nos primeiros séculos da nossa era –, Foucault chega à teoria da degenerescência que, ao longo do século XIX, atribui científicamente a cada indivíduo um caráter derivado da sua conformação corporal. Assim, os anarquistas se caracterizariam por ter orelhas em asa, enquanto as prostitutas, vistas como «degeneradas-natas», se destacariam pelos quadris largos e testas curtas, além de serem tagarelas e irracionais, enquanto os vagabundos, bandidos ou «delinqüentes-natos» poderiam ser identificados pelo nariz adunco ou pelo tipo de crânio, segundo as interpretações do criminologista italiano Cesare Lombroso (1835-1909), adepto da partilha entre normais e anormais e da noção de «perversão sexual», desenvolvida pelo psiquiatra alemão Richard von Kraft-Ebing (1840-1902) em sua obra *Psychopatia sexualis*, publicada em 1886.

Desde o século XIX, as mulheres passavam a ser vistas como pertencentes

⁵ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade IV; As confissões da carne. Tradução de Heliana de B. Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. Paz e Terra, Rio de Janeiro/São Paulo, 2020, 429.

⁶ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade IV; As confissões da carne, 417.

exclusivamente à esfera privada, incapazes de lidar com negócios, com a política, com o uso do dinheiro, e definidas pela maternidade, ao contrário da experiência feminina na «sociedade de corte», como bem apontou Norbert Elias. Vale lembrar que, no polo oposto, a mulher sensualizada era percebida como «mulher pública», expressão que há vinte anos ainda era sinônimo de prostituta. Não é de se estranhar que durante a ditadura militar que se instaurou no país entre 1964-1985, as presas políticas fossem invariavelmente definidas como «putas» pelos militares, o que abria seus corpos para a violência legitimada do assédio sexual e do estupro.

A crítica contundente que Foucault lançava aos modos de sujeição/subjetivação dominantes – pautados pelo modelo confessional e pelo poder pastoral, isto é, pela relação de extrema obediência que se estabelece entre o pastor e seu rebanho – foi uma enorme contribuição para os feminismos perceberem e analisarem suas próprias práticas de dessubjetivação e de busca de outros modos afirmativos de existência, desde então.

Como afirma Luce Irigaray, discutindo «A questão do Outro», para libertar-se do modelo filosófico que correspondia «ao modelo político de um chefe considerado o melhor, como o único capaz de governar cidadãos mais ou menos à altura de sua identidade humana», era «preciso libertar o sujeito feminino do mundo do homem e admitir este escândalo filosófico: o sujeito não é mais um, nem único». Margaret McLaren, por sua vez, em *Foucault, feminismos e subjetividade*, chama a atenção para as possíveis conexões entre o pensamento deste filósofo e os feminismos, não apenas na denúncia das tecnologias do poder, mas nas «práticas feministas do eu». Assim como outras intelectuais estrangeiras, as historiadoras Tânia Navarro Swain e Norma Telles, entre outras, no Brasil, destacam a importância da experiência do cuidado de si para que as mulheres possam olhar para si mesmas não para se reconhecerem segundo parâmetros ditados pela medicina ou pela igreja, submetendo-se a regimes de verdade impostos, mas para serem outras, construindo-se em contextos relacionais pautados pela amizade e pela solidariedade.

3. A coragem da verdade das mulheres

Um outro ponto esclarecedor da relação Foucault-feminismos diz respeito à noção de *parresia* – o franco falar, o dizer verdadeiro, que o filósofo introduz na aula de 10 de março de 1982, e que Salma Tannus Muchail analisa delicadamente em *Foucault, mestre do cuidado*, publicado em 2011. Está em jogo, para as mulheres, uma vontade de verdade, de serem verdadeiras, de viverem de acordo consigo mesmas, sem se violentarem para atenderem às expectativas de outrem, mantendo a coerência entre o dizer e o agir.

As lutas feministas, desde suas origens em meados do século XVIII, revelam

essa vontade de verdade das mulheres, que se recusam a aceitar a imposição de um modelo de feminilidade elaborado pelo saber-poder médico e jurídico, que não lhes diz respeito. Podemos citar inúmeras histórias das transgressões e contracondutas femininas, a exemplo das vidas das anarquistas Louise Michel e Maria Lacerda de Moura, assim como de tantas outras que ganharam visibilidade com o crescimento dos estudos feministas e da história das mulheres, no Brasil e no mundo. Afinal, desde a década de 1970, assistimos à expansão e à diversificação do movimento feminista que apontou para outros modos de existência das mulheres, tendo em vista constituírem-se verdadeiramente, definindo seus próprios rumos, escolhendo suas formas de viver a sexualidade e de atuar na esfera pública e privada, transpondo imensas barreiras morais e sociais e transformando heterotopicamente os espaços.

A coragem da verdade faz parte desse movimento de conexão consigo mesmo, de olhar para si e de encontrar-se, movimento então vedado às mulheres⁷. Obediência e submissão, ou renúncia de si, eram requisitos morais para serem respeitadas e aceitos socialmente, sempre a partir de um olhar masculino que entendia as mulheres como seres naturais, irracionais, inferiores, propensos a comportamentos inadmissíveis, muitas vezes ameaçadores para a paz social. Como se sabe, as mulheres haviam sido destinadas a servir, inclusive sexualmente, seja como esposa e mãe de família, seja como prostituta, sendo a violência doméstica então socialmente aceita e absolutamente silenciada. As observações de Hélène Cixous, amiga de Foucault, Deleuze e Derrida, em 1975, são elucidativas, ao proporem um «novo estilo do feminino»⁸:

Qual é a mulher efervescente e infinita que, imersa como estava na sua ingenuidade, mantida no obscurantismo e no menosprezo dela mesma pela grande mão parental-conjugal-falocêntrica, *não sentiu vergonha de sua potência?* (...) é tempo de libertar a Nova da Antiga conhecendo-a, amando-a por escapar, por superar a Antiga sem tardar, indo à frente do que a Nova Mulher será, como a flecha se afasta da corda, num só movimento, aproximando e separando musicalmente as ondas, *a fim de ser mais do que ela mesma*⁹.

Embora nas últimas décadas, assista-se à conquista de inúmeros direitos das mulheres, com a criminalização do assédio e da violência doméstica, na Lei Maria da Penha e na do Feminicídio, é importante observar que as lutas feministas pela autonomia ultrapassam o patamar do reconhecimento das mulheres como «sujeitos de direito» pelo Estado. Ao questionarem a identidade feminina, ao recusarem a imposição de um modelo rígido de feminilidade, as feministas colocaram na pauta

7 RAGO, Margareth; VIEIRA, Priscila Piazzentini. «Foucault, criações libertárias e práticas parresistas». In *Revista Caminhos da História*, v.14, n 2, jul./jan. 2009

8 REGARD, Frédéric. «Prefácio». In CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Bazar do Tempo, Rio de Janeiro, 2022, 11.

9 CIXOUS, Hélène. *O riso de Medusa*. Trad. Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Bazar do Tempo, Rio de Janeiro, 2022, 48.

de suas lutas a possibilidade de produção de outros modos de existência, de novas subjetividades femininas referenciadas por valores éticos, capazes de abertura para o outro, em contextos relacionais reinventados. Certamente não apenas o movimento feminista trouxe essas pautas, já que desde os anos 1970 explodiram os então chamados «novos movimentos sociais» – como os movimentos gay, negro, indígena, para não dizer o movimento operário e sindical, que levou à criação do Partido dos Trabalhadores, em 1980.

Se as mulheres haviam sido educadas para se calarem e se vigiarem ininterruptamente para combaterem a possível ameaça que atingiu Eva e levou à queda da humanidade, os feminismos propuseram o respeito e valorização do próprio eu, alertando para a necessidade de se equiparem para enfrentarem os desafios cotidianos de um mundo marcadamente misógino e racista. Nessa direção, dentre os inúmeros projetos e cursos desenvolvidos por associações feministas, Ongs e outros grupos feministas, destaco o Programa PLPs, Promotoras Legais Populares, o Programa *Mulher, Viver sem Violência*, de 2013, e mais recentemente, a *Exposição Coletiva de Mulheres e Crianças* do MSTC, intitulada *Autoconstrução. O Comum de nós*, realizada na *Ocupação 9 de julho*, em São Paulo, em que se afirmam claramente as lutas pela constituição de subjetividades éticas. Segundo as organizadoras:

As oficinas – de desenho, argila, construção de texto, entre outras – buscaram criar um espaço físico, temporal e simbólico para que as crianças e mulheres pudessem olhar para si próprias como agentes de suas próprias vidas e de sua própria arte. Essa espécie de Autoconstrução, ponto de partida do projeto, é concebida como ato revolucionário capaz de redimensionar nosso lugar no mundo em direção a uma outra lógica social: mais humana, empática e sustentável.¹⁰

É possível dizer que se uma tradição tem sido profundamente criticada pelos feminismos, outros modos de pensar ganham destaque. Daí a importância de conhecermos os antigos, como aponta Foucault, evidenciando a perda de conexão com a tradição greco-romana, ou seja, com nossas próprias heranças. Nessa direção, destaco a aula de 10 de fevereiro de 1982, em *A hermenêutica do sujeito*, em que o filósofo afirma, remetendo aos cínicos e à questão da produção da subjetividade:

(...) parece-me que a cisão introduzida no campo do saber não é, repito, a que marcaria alguns conteúdos do conhecimento como inúteis e outros como úteis, é a que marca o caráter *etopoético* ou não do saber. Quando o saber, quando o conhecimento tem uma forma, quando funciona de tal maneira que é chamado a produzir o *éthos*, então ele é útil. (...) Portanto, neste plano, o conhecimento de si não está, absolutamente, a caminho de tornar-se uma decifração dos

¹⁰ Disponível em [https://www.facebook.com/Oficina-de-Arte-MSTC-Ocupa%C3%A7%C3%A3o-9-de-Julho-650003435433799/]

arcanos da consciência, aquela exegese de si que veremos desenvolver-se em seguida, no cristianismo. O conhecimento útil, o conhecimento em que a existência humana está em questão, é um modo de conhecimento relacional, a um tempo assertivo e prescritivo, e capaz de produzir uma mudança no modo de ser do sujeito¹¹.

Em relação aos feminismos, importa destacar, a meu ver, que as enormes conquistas, especialmente no que tange a um movimento de autonomização psíquica e emocional, para além de econômica, têm tido implicações profundas, exigindo um trabalho ativo de dessubjetivação, isto é, exigindo um trabalho para tornar-se outra do que se era ou ainda é. Portanto, tem sido fundamental o questionamento das interpretações sobre o corpo e a sexualidade das mulheres, abrindo espaço para o questionamento das práticas discursivas que instituíram a maternidade, o casamento e as relações afetivas e sexuais, que deliberam sobre a criminalização do aborto e legislam sobre todo o campo da moral sexual¹². Como afirma Luce Irigaray,

Além dos reencontros e reconciliações com a genealogia, as genealogias femininas – ainda longe de ser completadas –, seria preciso dotar a mulher, as mulheres, de uma linguagem, de imagens, de representações que lhes conviessem: em nível cultural, em nível até mesmo religioso, mantendo Deus como um grande parceiro do sujeito filosófico. Comecei a fazê-lo, no *Speculum e Ce sexe qui n'en est pas un*, e continuei, principalmente, em *Sexes et parentés, Les temps de la différence e Je, tu, nous*. Neles, trato das particularidades do mundo feminino, mundo diferente daquele do homem, em sua relação com a linguagem, o corpo (idade, saúde, beleza e claro, a maternidade), em sua relação com trabalho, a natureza e o mundo da cultura. Dois exemplos: tento mostrar que o desenrolar da vida é diferente para a mulher e para o homem, pois é constituída, para aquela, por etapas corporais, muito mais marcadas: puberdade, defloração, maternidade, menopausa e pedindo um futuro subjetivo mais complexo que o do homem. Quanto ao trabalho, mostrei que a justiça econômico-social não consiste somente na aplicação da regra: trabalho igual/salário igual, mas também no respeito e valorização da mulher na escolha de suas prioridades e das maneiras de produzir, das qualificações profissionais, das relações no lugar de trabalho, no reconhecimento do trabalho, etc.¹³

Hoje podemos constatar que os efeitos dos questionamentos e interpelações feministas foram e continuam sendo imensos, sobretudo ao desfazer as fronteiras entre público e privado e ao forçar a incorporação de temas considerados privados e íntimos no debate público. É assim que na política, ao criticarem os conceitos

11 FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito, 290.

12 RAGO, Margareth. «Feminismos e resistências: viver diferentemente o presente». In BRAGA, Amanda; SÁ, Israel de (orgs.). Microfísica da resistência: lutas antiautoritárias na contemporaneidade. Pontes, Campinas, 2020.

13 IRIGARAY, Luce. «A questão do Outro». In Revista digital internacional Labrys, estudos feministas. n. 1-2, 2002.

básicos que sustentam os princípios liberais, os feminismos apontam para um novo conceito de cidadania, capaz de incorporar as demandas específicas das mulheres. Temas como aborto, assédio sexual ou violência doméstica, antes considerados de menor interesse e que não deveriam ser trazidos para o mundo público, até, pelo menos, meados dos anos de 1970, estão na ordem do dia. Às partilhas razão/emoção, cultura/natureza, público/privado correspondiam as separações entre masculino/feminino e hetero/ homossexualidade, como se explicitou, em seguida, com as pressões do movimento gay e simultaneamente quando Foucault introduziu a noção de «dispositivo da sexualidade», na *História da Sexualidade I, A vontade de saber*, publicado em 1976. Particularmente na produção do conhecimento científico, a história das mulheres, assim como a história do corpo e da sexualidade evidenciaram que interpretações consideradas objetivas e eternas eram datadas. Nem sempre as parteiras foram consideradas bruxas e ameaçadoras, nem sempre o modelo de masculinidade foi austero e proibitivo da expressão de emoções e do colorido, como desde o século XIX; do mesmo modo nem sempre o cuidado de si foi entendido como narcisismo, ou seja, como submissão aos padrões corporais cultuados pela sociedade do espetáculo.

3. O cuidado de si e a subjetividade ética

Em se tratando desse terceiro ponto, gostaria de retomar um trecho em que Foucault questiona a necessidade da hermenêutica de si como modo de subjetivação. Diz ele:

Mas é chegado o momento de nos perguntarmos se temos mesmo necessidade desta hermenêutica de si (...) Talvez nosso problema seja agora o de descobrir que o eu nada mais é do que o correlato histórico da tecnologia construída ao longo da nossa história. Talvez nosso problema seja o de mudar essas tecnologias. E, neste caso, um dos primeiros problemas políticos seria hoje, no sentido estrito do termo, a política de nós-mesmos.¹⁴

Está claro que a questão da ética, para Foucault, articula-se à dimensão política e torna-se fundamental para os feminismos, que também se colocam como um movimento ético-estético-político. Em sua leitura do mundo antigo, em especial dos estoicos e cínicos, o filósofo traz o tema da busca de outros modos de existência pautados pela ética, pela liberdade e pela amizade. Segundo ele, explicando o

14 FOUCAULT, Michel. Origine de l'herméneutique de soi. Vrin, Paris, 2013, 90-91. (Tradução da autora) No original: «Mais le moment vient peut-être pour nous de nous demander si nous avons vraiment besoin de cette herménéutique de soi. [...] Peut-être notre problème est-il maintenant de découvrir que le soi n'est rien d'autre que le corrélatif historique de la technologie construite au cours de notre histoire. Peut-être le problème est-il de changer ces technologies. Et dans ce cas, un des principaux problèmes politiques serait aujourd'hui, au sens strict du terme, la politique de nous-mêmes.»

cuidado de si como prática espiritual: «Este longo trabalho de si sobre si (...) não tende a cindir o sujeito, mas a vinculá-lo a ele mesmo (...) em uma forma em que se asseguram a incondicionalidade e a autofinalidade na relação de si para consigo».¹⁵

No caso dos feminismos, ganham destaque os temas da amizade feminina, da solidariedade entre as mulheres, da invenção de outros modos de existência – de outras «políticas de nós mesmas» – referenciadas por valores éticos, nessa profunda crítica à sociedade patriarcal, misógina, sexista, racista e capitalista.

Certamente, a busca por outros modos de constituição de si implica a luta pela criação de outros padrões relacionais, de formas libertárias de relação social, sexual, afetiva e política com o outro. Não por acaso, naquele momento, também entravam em crise o casamento monogâmico indissolúvel, o modelo da família nuclear, o ideal de virgindade para as mulheres ou de extrema virilidade para os homens, como têm mostrado os estudos sobre masculinidades, assim como se explicitaram cada vez mais a crítica e historicização das noções de homo-heterossexualidade e de perversão sexual, elaboradas no século XIX. O passado foi revisitado e desde a década de 1980, a história das mulheres e de suas lutas constantes ganha espaço crescente, assim como ganham espaço, desde o século XIX, os críticos da moral burguesa, como os anarquistas, os marxistas e os socialistas, entre outros.

A crítica feminista do presente levou, portanto, à busca pelo passado das mulheres, desconhecido até a década de 1970, e o crescimento dessa área nas décadas seguintes não deixa dúvidas. A história das mulheres no Brasil e no mundo trouxe e continua trazendo experiências e vozes de figuras irreverentes e contestadoras, assim como de movimentos autogestionários e coletivistas. Mas não apenas nos movimentos políticos; na arte, na literatura, na composição da música popular e na produção do conhecimento científico cresceram os nomes das mulheres e a exibição de suas incríveis produções literárias, artísticas e científicas.

Gostaria de destacar que vários estudos têm mostrado como os feminismos defenderam a necessidade do «cuidado de si» para as mulheres – antes abnegadas, *selfless*, destinadas apenas ao cuidado do outro – e como essa profunda transformação social, cultural é também política, já que abriu outras frentes de atuação para as mulheres em todas as áreas em que entraram: nas ciências, na política, na vida social, na medicina, na arquitetura, no direito, transformando profundamente o imaginário social, em especial, em relação ao corpo e ao sexo. Hoje as mulheres se veem como dignas de sexo, a virgindade já não é uma exigência para o casamento e a «solteirona» é uma figura do passado, em que pesem as continuidades manifestas em discursos misóginos, profundamente retrógrados. Os jovens tendem, cada vez mais, a experimentar a relação a dois antes de decidirem-se pelo matrimônio e pela maternidade; e não são poucas as jovens que optam por não ter filhos.

Os feminismos entendem que a conquista da autonomia feminina exige transformações estruturais que vão além dos sistemas políticos e econômicos,

15 FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito, 645-646.

atingindo as formas de pensar, de interpretar, de sentir e de subjetivar-se. Aprendemos a interpretar o mundo a partir de códigos de significação masculinos, racistas e misóginos, ditados pelas elites no poder, como mostrou a *filosofia da diferença*. Essas interpretações nocivas certamente precisam ser transformadas e, na verdade, têm sido questionadas intensamente na atualidade. Do mesmo modo, o enorme investimento teórico na descolonização do corpo e na *psique* femininos, na historicização dos discursos instituintes de realidades opressivas para as mulheres permitiu que elas criassem argumentos fortes em prol do controle da própria vida e do corpo, a exemplo das lutas pela descriminalização do aborto, pela punição do assédio sexual, do estupro, da violência doméstica e de outras formas de abuso.

4. Os desafios na atualidade

E, no entanto, apesar de inúmeras conquistas, os desafios a serem enfrentados são inúmeros, em especial, no que se refere às capturas da racionalidade neoliberal que se expande para todo o social, como analisa Foucault, em *Nascimento da biopolítica*. Segundo ele, o neoliberalismo pode ser lido como uma racionalidade econômica baseada na lógica custo-benefício, que se generaliza para todas as atividades sociais, induzindo à concorrência entre os indivíduos em todas as dimensões da vida. Assim, a generalização da forma «empresa» no interior do social é, diz ele, o objetivo da política neoliberal. «Trata-se de fazer do mercado, da concorrência e, por conseguinte, da empresa o que poderíamos chamar de poder enformador da sociedade».¹⁶

Ora, a governamentalidade neoliberal, essa arte neoliberal de governo ameaça capturar também as subjetividades femininas, transformando-as em fonte de capitalização de si, segundo o modelo do capital humano. Portanto, ao lado das teóricas feministas envolvidas nessa discussão, é de se perguntar se os feminismos conseguirão escapar às ameaças do neoliberalismo – sobretudo na ampla difusão da figura da «empresária de si mesma», como destaca Johanna Oksala, ao pensar o sujeito do feminismo.¹⁷

Ao mesmo tempo, é de se considerar se a crítica das técnicas de si cristãs que fundam o poder pastoral e justificam a necessidade do Estado pode levar à crítica do «sujeito de direito» nos feminismos. Ou, ao contrário, implicará a luta para ocupar os espaços do poder e reproduzir modos de atuação já bastante criticados?

Finalmente, os feminismos conseguirão escapar às formas de conversão revolucionária difundidas pelos partidos de esquerda, herdeiros da tradição cristã? Em que pesem as profundas transformações que se observam em grupos de esquerda, nas últimas décadas, sobretudo no que tange à definição do que é ser

16 FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. Curso dado no Collège de France (1978-1979) Trad. de Eduardo Brandão. Martins Fontes, São Paulo, 2008, 203.

17 OKSALA, Johanna. Foucault on freedom. Cambridge University Press, Cambridge/New York, 2005.

militante, vale lembrar o antigo alerta de Foucault para a necessidade de se fazer uma história da «subjetividade revolucionária»:

O problema, então, estaria em examinar de que modo se introduziu este elemento que procedia da mais tradicional – (...) pois que remonta à Antiguidade – tecnologia de si que é a conversão, de que modo atrelou-se ele a este domínio novo e a este campo de atividade nova que era a política, de que modo este elemento da conversão se ligou necessariamente, senão exclusivamente, à escolha revolucionária, à prática revolucionária. Seria preciso examinar também de que modo esta noção de conversão foi pouco a pouco sendo validada – depois absorvida, depois enxugada e enfim anulada – pela própria existência de um partido revolucionário. E de que modo passamos do pertencimento à revolução pelo esquema de conversão ao pertencimento à revolução pela adesão a um partido.¹⁸

18 FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito, 256-257.

Bibliografia

- ALLEN, Amy. «The Politics of Our Selves: power, autonomy and gender». In *Contemporary Critical Theory*. Columbia University Press, New York, 2008.
- BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado. O mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. 5^a ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985.
- CIXOUS, Hélène. *O riso de Medusa*. Trad. Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Bazar do Tempo, Rio de Janeiro, 2022.
- CSEKE, Akos. «Foucault lecteur de saint Augustin», *Materiali Foucaultiani*, vol. VII, n. 13-14 (2018), p. 253-272. Disponível em <http://www.materialifoucaultiani.org/images/12cseke.pdf>
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Trad. de Ana Maria Alves. Editorial Estampa, Lisboa, 1987.
- FOUCAULT, Michel. «Foucault étudie la raison d’Etat» (1980). In *Dits et Ecrits II*, 1976-1988. Gallimard, Paris, 2001, 856-860.
- FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. Trad. de Salma Tannus Muchail e Márcio Alves da Fonseca. Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica. Curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Trad. de Eduardo Brandão. Martins Fontes, São Paulo, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Origine de l’herméneutique de soi*. Vrin, Paris, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade IV; As confissões da carne*. Tradução de Heliana de B. Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. Paz e Terra, Rio de Janeiro/São Paulo, 2020.
- FOUCAULT, Michel *A coragem da verdade*. Trad. de Eduardo Brandão. Martins Fontes, São Paulo, 2011
- IRIGARAY, Luce. «A questão do Outro», Revista digital internacional *Labrys, estudos feministas*, n.1-2. Dez. 2002. Disponível em https://www.labrys.net.br/labrys1_2/irigaray1.html
- KNIBIEHLER, Yvonne; FOUQUET, Catherine. *La femme et les médecins*. Hachette, Paris, 1983.
- McLAREN, Margaret A. *Foucault, Feminismo e Subjetividade*. Intermeios, São Paulo, Coleção Entregêneros, 2016.

- MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, mestre do cuidado*. Edições Loyola, São Paulo, 2011.
- OKSALA, Johanna. *Foucault on freedom*. Cambridge University, Cambridge, New York, Press, 2005.
- OKSALA, Johanna. «Feminism and Neoliberal Governmentality». In *Foucault Studies*, n. 16, 32-53, September 2013.
- OKSALA, Johanna. «O sujeito neoliberal do feminismo». In RAGO, Margareth.; PELEGRIINI, Maurício (orgs.). *Neoliberalismo, feminismos e contracondutas: perspectivas foucaultianas*. Tradução de Maurício Pelegrini. São Paulo: Intermeios, Coleção Entregêneros, 2019, 115-138.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1985.
- RAGO, Margareth. «Feminismos e Resistências: viver diferentemente o presente». In BRAGA, Amanda; SÁ, Israel de (orgs.) *Microfísica da resistência: lutas antiautoritárias na contemporaneidade*. Pontes, Campinas, 2020, 207-228.
- RAGO, Margareth; VIEIRA, Priscila Piazzentini. «Foucault, criações libertárias e práticas parresistas», *Revista Caminhos da História*, v.14, n2, jul./jan. 2009, 43-58. [<http://sites.google.com/site/revistacaminhosdahistoria/numeros-anteriores-nova>]